

A TRAJETÓRIA DE P.S. EM ANÁLISE A PARTIR DE UM SINTOMA FÍSICO E DO ASPECTO AMOROSO

*Felipe Barreto Nery Coutinho**

RESUMO:

O artigo que se segue pretende, através da exposição de um caso clínico que se deu sob minha responsabilidade enquanto analista de P.S., abordar a relação do desejo com a lei, bem como, ressaltar a problemática do aspecto amoroso e da relação de objeto existente nessa dimensão, tendo como ponto de partida uma manifestação sintomática. Dessa forma, o presente estudo fornece através de um recorte daquilo que se constituiu a trajetória da paciente em seu tratamento uma articulação, em certa medida indissociável quando se está diante da psicanálise, entre teoria e prática.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Angústia. Desejo. Impedimento. Objeto. Sintoma.

* Graduação em Psicologia e Especialização em Psicanálise pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Atuação profissional como psicanalista em instituição (CPA e CAIA), bem como em consultório particular na cidade de Juiz de Fora. Endereço: José Romão Guedes 44 apt 302, Granbery, Juiz de Fora, Minas Gerais. Telefone: (32)3211-3480/8815-4214; e-mail: felipebarretojf@yahoo.com.br.

O desenrolar de seu sintoma físico

P.S. é uma mulher de 22 anos que procurou tratamento pela primeira vez no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora em setembro de 2008 e, por procedimentos institucionais, seu caso foi por mim assumido e logo teve início. O atendimento de P.S. se deu até dezembro de 2009 quando foi interrompido por motivações pessoais acerca de seu relacionamento amoroso, mais precisamente, pelo fato de que, nesse mesmo mês, se daria a cerimônia de seu casamento.

P.S. procurou atendimento clínico motivada por um extremo incômodo em relação a um sintoma que vinha então se apresentando desde a infância, a saber, a paciente tinha uma incontinência urinária noturna que se repetia por algumas vezes ao longo da semana enquanto dormia. P.S. não apresentava qualquer problema físico que pudesse acarretar em uma disfunção orgânica dessa ordem e as várias tentativas de intervenções médicas ao longo de sua vida não obtiveram qualquer êxito no sentido de conter tal manifestação sintomática.

A paciente já convivia com esta situação desde a infância, entretanto, seu sofrimento com isso se iniciou na passagem desta fase para a adolescência a partir da possibilidade de que outras pessoas, além de seu pai e sua mãe, viessem a ter conhecimento do fato de que, à noite, isso lhe acontecia. Assim, o que se seguiu foram algumas tentativas repetidas de não deixar tornar isso público, traduzidas em ações como: não dormir na casa de colegas ou parentes, nem deixar com que alguém com esta proximidade dormisse em sua casa ou no seu quarto. Dessa maneira, uma série de ações nesse sentido assume o caráter de algo responsável por resguardar exatamente o sintoma e favorece, crescentemente, sua manutenção.

Naturalmente, com seu desenvolvimento e a subsequente entrada na vida adulta, P.S. inicia uma relação amorosa que rapidamente tomou um caráter de maior seriedade quando ela, então, fica noiva (o começo de P.S. no tratamento se dá quando seu noivado atinge dois anos desde seu início). Eis a problemática destacada pela paciente após algumas entrevistas preliminares no desenrolar de sua fala acerca do seu sintoma: “meu noivo não sabe, e mesmo se soubesse, como eu posso me casar urinando à noite na cama?”. Assim, não ao acaso, é certo aspecto da dimensão amorosa que introduz a problemática quanto a manifestação de um sintoma como esse e é por essa via que P.S. faz, então, frente à determinada manutenção desse sintoma, iniciando sua análise .

A questão fundamental elaborada pela paciente, cujo conteúdo sintetiza boa parte do que a função sintomática figura em sua existência de sujeito, aponta para onde o cerne de sua trajetória conflitante acha possibilidade de advir, ou seja, é através da articulação a respeito do sintoma que o sujeito falante fornece indícios do lugar onde o conflito se estabelece e por onde é possível resolvê-lo. Assim, a partir de um sintoma físico o tal conflito se estabelece, mais precisamente, através daquilo que ele assume, isto é - algum impedimento. Como já apontado por Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1925) e ressaltado posteriormente por Lacan ([1962] 2005, p. 18/19), “na inibição, é da paralisação do movimento que se trata [...] Estar impedido é um sintoma. Ser Inibido é um sintoma posto no museu”.

O que P.S. introduz com seu questionamento foi fundamental para o andamento de seu caso, para sua posterior entrada em análise e para o desenrolar da situação conflitante. Sua pergunta sintetiza a problemática que a função sexual assume para ela e seu conseqüente posicionamento frente ao campo social (seu noivo, seu pai, seus preceitos religiosos etc.). Para além disso, seu questionamento introduz a marca mais crua de seu desejo, ou seja, um apelo por satisfação sexual e uma certa ânsia por completude.

P.S. vem de uma família de baixa renda, é a primeira filha e a segunda criança do casal, que têm mais um menino e uma menina que ainda não entraram na adolescência. Seu irmão mais velho (aproximadamente seis anos de diferença) apresenta sérios problemas legais, e já foi preso por duas vezes. A família é evangélica e atuante, com exceção do irmão mais velho, e a religiosidade ocupa um lugar fundamental para todos, obviamente, resguardadas as diferenças.

Dessa forma, a religião fornece um sentido particular para P.S., um sentido muito próximo do que a função paterna figura para ela, a saber, a de impedimento frente a uma gama de ações que estão sempre em referência a uma norma pré-estabelecida. Não ao acaso, essas ações, que assumem um caráter do que é proibido, ganham forma a partir do seu discurso, que aponta sempre para o acesso à relação sexual, mais precisamente, ao não acesso ao coito. É àquilo que se apresenta enquanto um impedimento, enquanto uma norma, a saber, à lei, que o desejo se referencia e é a partir dela, ou melhor, de seu ultrapassamento, que o acesso ao desejo se faz possível, afinal, “a norma do desejo e a lei são uma única e mesma coisa” (Lacan, 1962/2005, p. 220).

O mito de Édipo não quer dizer nada senão isto: na origem, o desejo, como desejo do pai, e a lei são uma e a mesma coisa. A relação da lei com o desejo é tão estreita que somente a função da lei traça o caminho do desejo. O desejo, como desejo pela mãe, é idêntico à função da lei. É na medida em que proíbe esse desejo que a lei impõe o desejá-la, pois, afinal, a mãe não é, em si mesma, o objeto mais desejável (Lacan, 1962/2005, p. 121).

Eis o que a paciente põe em jogo a partir daí, a dimensão amorosa, e dessa relação com o parceiro, a falta, e a conseqüente ânsia por uma completude que supostamente se poderia ter com a entrada desse outro, mais ainda, com a consumação do ato sexual.

As limitações que lhe eram “impostas”, primeiramente pelo seu pai e, posteriormente, pelo seu noivo, eram por ela identificadas e justificadas sempre em conformidade com aquilo que constitui o discurso assumido pela crença religiosa. Indubitavelmente, o que esse discurso fornece é uma série de padrões de ação que a eles P.S. deve se referenciar. Esta é a dimensão de sua relação com o Outro e a conseqüente subordinação ao significante que decorre desse encontro. “O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder” (Lacan, 1953/1998, p.301).

Entretanto, alguma coisa retorna, e retorna sob a forma de sintoma apontando para o sujeito toda a fragilidade e insustentabilidade que há em um caminhar nessa direção. Sua incontidência urinária noturna representava exatamente uma resposta àquilo que não cessa na tentativa de se inscrever, mais precisamente, a marca de seu desejo. Entretanto, se o sujeito não acha correspondência simbólica, ou seja, se não encontra significação a partir do aparato da linguagem fazendo com que o significante circule onde se trata de “um significante... que represente o sujeito para outro significante” (Lacan, 1960a/1998, p. 833), isso efetivamente aparecerá em um outro lugar, no caso de P.S., no real, no corpo enquanto disfunção do aparelho urinário.

Paralelamente, o que também aparecia na fala de P.S. era a queixa da existência de várias coisas que gostaria de fazer e que não fazia pelos motivos já considerados acima. As proibições impediam desde simples ações como usar calças jeans, roupas curtas, biquínis, enfeites corporais até saídas a sós com o noivo. Com o deslize significante, a paciente chega então a uma certa aproximação do que era sempre impedido através dessas

proibições e desse seu sintoma, a saber, a consumação da relação sexual (P.S. então se mantinha virgem) com o seu noivo. Aqui talvez mereça um adendo: quando a questão sexual começou a tomar lugar privilegiado em sua fala, P.S. por algumas vezes demonstrava dificuldade em nomear o ato sexual, expressar palavras como “sexo”, “transa” e outras que pudessem fazer referência ao coito. Obviamente, não é ao acaso que “nossos sujeitos ficam inibidos quando nos falamos de sua inibição” (Lacan, 1962/2005, p. 19).

Pois bem, com aproximadamente quatro meses após sua efetiva entrada no dispositivo analítico, P.S. já não se referia tanto a sua incontinência urinária, estando muitas vezes ausente de seu discurso aquilo que outrora representava um ponto fundamental de seu sofrimento. Entretanto, o que surgia por algumas vezes eram rápidos comentários de que isso não estava acontecendo com a mesma frequência.

Simultaneamente a isso, ela esboçava o início de uma intolerância quanto à ação de ceder ao seu desejo em função de um outro, ora assumido pelo pai, ora pelo noivo, ora pelos paradigmas religiosos. Isto a leva a questionar a possibilidade de mudar de igreja, para que assim pudesse satisfazer algumas vontades como o uso de acessórios corporais. P.S. questiona também as tentativas de seu noivo de lhe impor a forma que deveria agir em determinadas situações, ou mesmo, o que usar em certas ocasiões, o que a leva também a relativizar a continuidade de seu relacionamento. Porém, o aparente equívoco cometido por ela ao identificar nessas ações possibilidades de mudança reais foi fundamental para o que se seguiu posteriormente. Essas ações não vieram a se concretizar. O que estava em jogo e que P.S. se questionava era quanto ao seu lugar, ou seja, sua posição subjetiva que determinava sua ação frente ao âmbito social.

“Tenho vergonha de ficar falando isso, que bobagem! Pareço até uma criança... que obedece sempre.”. Eis a fala expressa por ela que fornece uma ponta para a fundamental compreensão da significação de seu sintoma. P.S. ocupava o lugar efetivamente de uma criança, ou melhor, seu posicionamento nas relações familiares era fundamentalmente infantil, onde aquilo que opera em última instância é o desejo do Outro, que determina o que ela pode ou não fazer, tornando visível aqui a premissa fundamental de uma análise “O desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1960a/1998, p. 829). E ela enquanto filha quer agradar e agrada acatando, obedecendo, encerrando aquilo que constitui o seu desejo em segundo plano. E sua ação de urinar a noite? Ora, uma perfeita resposta através de uma atitude impreterivelmente infantil, a saber, uma dificuldade peculiar da criança em controlar o esfíncter, e que a leva a urinar na cama.

Pois bem, com esses questionamentos suas sessões tomaram então um outro rumo, a atenção de P.S. se volta precisamente às suas vontades que não eram então passíveis de satisfação, sobretudo devido à sua relação com a lei. Seu extremo incômodo com a questão da incontinência urinária se desloca exatamente para isso que figurava em seu universo simbólico, a lei que, por sua vez, lhe impõe limitações; limitações essas que fazem de seu desejo algo impossível de satisfação. Qual a saída?

Nessa direção, eis que a paciente, em uma sessão, retoma o conflito a partir de uma decisão que poderia representar uma mudança, uma saída para aquela situação. P.S. diz que irá se casar: “Vou me casar, já marquei a data. Estou muito feliz, de certa forma é uma coisa que quero já algum tempo, mas que ainda não dava”. A paciente aqui se refere a uma colocação profissional por parte de seu noivo e prossegue: “Vou poder ser mais livre, não vou ter que dar explicação mais de tudo que eu faço para os meus pais. Acho que vai ser minha salvação”.

Por se tratar de um novo aspecto que até então não havia objetivamente aparecido em análise, senão pelo fato de estar noiva, eu imediatamente a interroguei quanto a essa decisão: “Mas seria essa a única forma para se fazer essas coisas de que você fala?”. Meu questionamento visava, sobretudo, convidar P.S. a refletir quanto ao lugar que ela pretendia encerrar sua relação amorosa, a saber, lugar esse cuja manifestação significativa “salvação” fornece indícios quanto à problemática em questão.

Aquilo designado por “salvação” retoma o que está por trás dessa sua decisão. Para que se seja salvo é necessário estar diante de um perigo extremo, perigo que põe em jogo a continuação de uma vida, perigo este capaz de congelar, fazer faltar a ação e, portanto, ser necessária uma entrada de alguém que interceda para que essa vida tenha prosseguimento. Seu casamento assume então um outro caráter, o de uma ação no sentido de promover seu movimento de separação, usando-se do matrimônio como um instrumento capaz de fazê-la atingir um outro objetivo que não, somente, o da consumação de sua vida a dois.

Eis o que P.S. diz após esta minha intervenção trazendo um dado imprescindível e novo ao tratamento: “pois é, tem uma outra coisa... me casando, vou poder namorar mais tranqüila, ficar mais com meu noivo sem ninguém falar nada. E você sabe, eles ficam me vigiando. Perante a igreja, o que a gente faz é pecado, não pode.” Um “ah... é?” bastou para que a paciente prosseguisse: “a gente vem fazendo algumas vezes... bom, você sabe... aquilo... sexo! Pronto, falei!”.

Na sessão seguinte, não por acaso, algo de uma resistência ao tratamento se coloca, P.S. diz que está bem, que não sabe o que falar e que isso quase a fez não ir àquela sessão. Ela retoma algo que já não era mais mencionado com tanta frequência: sua incontinência urinária noturna, aquilo que primeiramente se constituía seu sintoma mais precioso. Porém, o que ela ressalta é exatamente a sua ausência, ou seja, que já há algum tempo isso não acontecia mais, e que nem mesmo se lembrava disto. Paralelamente, ela introduz sua euforia por estar com a data do casamento marcada, o que lhe dava algumas boas expectativas. Diante dessa dimensão, a paciente informa que estava pensando em parar o tratamento, pois tudo andava bem e não havia nada lhe incomodando. Entretanto alguma coisa aparece sob a fala: "... é, meu noivo até comentou que talvez eu não precise mais vir então."

No campo do amor

Obviamente, quando se trata de uma análise e da trajetória que se pretende durante tal processo, o que o analista almeja em sua posição é, sobretudo, o surgimento do sujeito desejante. O que ele tem, o analista, nesse seu lugar que lhe é destinado, ganha forma impreterível a partir de seu desejo, a saber, seu desejo de analista.

Esse desejo é o que torna possível romper às resistências em tratamento, na medida em que faz o sujeito falar, o reconduz à trajetória de sujeito desejante, iniciando um desatar do nó sintomático. No caso de P.S., se seu sintoma físico desaparece, se ele falta, é aí que se faria possível uma maior proximidade com aquilo que se constitui verdadeiramente seu embaraço no campo do desejo. Mas, para tanto, é preciso que se dê um passo além, um passo que implique ao sujeito uma subversão da ordem do significante que o representa e, conseqüentemente, uma determinada manutenção dessa falta, para que aí se estabeleça a trajetória do sujeito desejante. Quando isto não ocorre, ou seja, "se, de repente, faltar toda e qualquer norma, isto é, tanto o que constitui a anomalia quanto o que constitui a falta, se esta de repente não faltar, é nesse momento que começará a angústia" (Lacan, 1962/2005, p. 52).

Pois bem, P.S. não apresenta mais aquele sintoma físico que outrora a impedia de realizar algumas ações, uma em especial, a de se casar. A partir do momento que sua disfunção cessa, o que se segue é a marcação de uma data para o casamento. Obviamente, é preciso que se pense o que há por detrás dessa ação. Em um primeiro momento, a disfunção urinária operava também enquanto um impecilho para que a relação sexual com seu noivo se

estabelecesse, visto que o casamento é tomado por ela a partir de um imperativo religioso, ou seja, é proibido consumir a relação sexual antes que o ritual de união ocorra. Disso, decorre que: é possível se esbaldar sexualmente se, somente se, estiver casada. E aqui um certo engano se esboça, pois sabe-se lá o caráter de uma certa impossibilidade que há diante de uma ‘relação sexual’ “em relação à finalidade biológica da sexualidade, isto é, a reprodução, as pulsões, tais como elas se apresentam no processo da realidade psíquica, são pulsões parciais” (Lacan, 1964/1998, p. 166).

Não é de se desmerecer que P.S. de certa forma transponha o limite inserido pelo aspecto religioso, que lhe foi introduzido e garantido a manutenção pela figura paterna, dando início a sua vida sexual durante o processo analítico. Não obstante, é simultâneo a isso que sua disfunção urinária cessa, já que foi exatamente a dimensão do amor a responsável por fazer frente ao sintoma. Dessa maneira, a paciente retoma sempre em seu relato o ponto que introduz a dimensão do proibido, isto é, o ato sexual ocorre quando algum impulso fala mais alto, e quando se dá conta, já fez, o que, por sua vez, lhe gera uma culpa grandiosa (função exercida pelo supereu), servindo de forte argumento para que se case logo: “[...] tem hora que não tem jeito, às vezes a gente está ali, me dá uma coisa, meu noivo fica me atiçando e acabo fazendo. E sempre a gente está correndo perigo, porque sempre tem alguém por perto que, se dermos azar, pode nos pegar. Daí tem que ser bem rápido... não é bom assim... Imagina se ficam sabendo! Meu pai ficaria louco... e a vergonha que eu e minha família iríamos passar perante a comunidade e a igreja? Isso sem contar que é pecado perante a lei de Deus. Eu estou pecando, é errado!”

Para além dos vários pontos que tal fala incita à reflexão, algo é fundamental, a saber, que o casamento representaria uma espécie de legalização de sua vida sexual. Mais do que isso, a pressuposição na qual P.S. se apóia faz dessa vida a dois algo que pode trazer para ela uma satisfação outra, em seu caráter pleno. Porém, “esta satisfação é paradoxal. Quando olhamos de perto para ela, apercebemo-nos de que entra em jogo algo novo – a categoria do impossível.” (Lacan, 1964/1998, p. 158).

Aqui, pode-se visualizar a problemática da dimensão amorosa para a paciente, bem como ressaltar a relação de objeto que permeia tal dimensão, acarretando em um aspecto de difícil manejo por se tratar de algo extremamente sedutor para P.S. O sintoma apresentado pela paciente – e que se fez presente no corpo através de uma suposta disfunção – foi responsável por trazer à tona o aspecto do impedimento que, por sua vez, possibilitou o advento daquilo que faz a capturação do sujeito pela ordem significante, ou seja, a lei a que

P.S. se achava subordinada. Entretanto, foi a partir daí que, minimamente, a paciente pôde achar um rastro daquilo que representaria o seu desejo, mas, nesse percurso, ela é tomada por um engano.

A noção de falta que é exaustivamente trabalhada no campo analítico foi o que P.S., de alguma maneira, não conseguiu suportar, mais precisamente não conseguindo fazer com que ela, a falta, entrasse no jogo das suas relações sociais, pois bem se sabe que “a falta, que sempre participa de algum vazio, pode ser preenchida de várias maneiras, embora saibamos muito bem, por sermos analistas, que não a preenchemos de mil maneiras” (Lacan, 1962/2005, p. 35).

O sintoma físico de P.S. cede, simultaneamente, com seu questionamento a respeito das várias formas que a lei assumia para ela o seu caráter mais radical, o de imperativo, o de proibição, figurando aí o pai, a igreja e o noivo. Assim, ela deseja, deseja aquilo inserido pela proibição, a saber, a relação sexual com o parceiro. Em um primeiro momento, sua relação amorosa com seu noivo foi um fator responsável por causar nela um movimento no sentido de romper com o sintoma apresentado, iniciando-se uma relativização acerca das normas nas quais P.S. se achava inserida na medida que ditavam suas ações. Entretanto, num segundo tempo, ela identifica nisso, na relação amorosa, uma certa saída para seu desejo, mais precisamente, na efetivação do casamento e a conseqüente vida a dois, algo supostamente passível de trazer uma satisfação total – eis o seu equívoco.

Na constituição do sujeito, o Outro é ponto fundamental para seu advento. Ele é o responsável por fornecer ao sujeito sua imagem, um conjunto de significantes que o precede em sua existência, mas que, porém, o representa e que o fará entrar, posteriormente, no campo das relações sociais. Essa operação, a formação da imagem especular do sujeito (já que o Outro funciona como um espelho) deixa um resto, o *a*, resto esse traduzido pela impossibilidade de tudo ser representado, já que “em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta” (Lacan, 1962/2005, p. 49). Esse falo não está disponível ao sujeito na medida em que ele não é refletido através dessa relação com o Outro, daí, “aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta. Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar” (Lacan, 1962/2005, p. 51).

Esse lugar referido por Lacan na citação acima através do “ali”, cuja denominação expressa um lugar vazio pela falta da imagem especular do falo, é simbolizado por $(-\phi)$, algo que se passa, segundo Lacan, com o homem a partir de sua constituição como

sujeito. Com a mulher, o que a imagem não assegura é sua constituição enquanto o falo do Outro, além de ser em certa medida, ela mesma, marcada por essa ausência.

Se nesse primeiro momento as questões relativas à relação amorosa figuraram como algo causador de desejo, ela de imediato é tomada enquanto o objeto do desejo, mais precisamente em ser esse objeto do desejo do Outro, tamponando aquilo que representa algo imprescindível para a constituição do sujeito em sua trajetória de ser desejante – a falta. Toda a aposta da paciente se volta para a data firmada para a cerimônia do seu casamento, e para a posterior vida conjugal, que agrega um conjunto incomensurável de supostas possibilidades de resolução de seus conflitos e satisfações, inúmeras vezes presente em seu discurso.

“[...] quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo que ele faz nesse caminho para se aproximar disso dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular. Quanto mais ele segue, mais quer, no objeto de seu desejo, preservar, manter e proteger o lado intacto do vaso primordial que é a imagem especular. Quanto mais envereda por esse caminho, que muitas vezes é impropriamente chamado de via da perfeição da relação de objeto, mais ele é enganado.” (Lacan, 1962/2005, p. 51).

Não ao acaso, o esboço de um possível início de trajetória guiado pelo o desejo, caminho este do sujeito desejante a partir de seu deslize na cadeia de significantes, muito bem explicitado por Lacan (1960a/1998) em “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” não se deu, pois a paciente de imediato identifica aquilo que figuraria apenas enquanto uma imagem virtual do objeto do desejo do Outro, com o desejo do objeto em si (impossível de apreender). A subversão tão visualizada em análise não ocorreu, a saber, a passagem daquilo que o sujeito responde a partir de um lugar que, pode-se dizer, de objeto, não alcança a dimensão do sujeito enquanto desejante e, por conseguinte, não o faz tomar todo o restante enquanto objeto seguindo tal trajetória. O que a paciente faz é, sobretudo, se manter nesse mesmo lugar, deslocando o conflito sob a aposta de uma outra coisa.

Com o andamento de sua fala nas sessões, o que P.S. experimenta e traduz em palavras é exatamente aquilo que se denomina por angústia. Com a decisão perante o casamento, a paciente retorna a um lugar muito próximo, senão ao mesmo, que respondia

diante do desejo de um Outro e que operava no início de seu tratamento. Portanto, com a consumação da vida conjugal, segundo P.S., ela obrigatoriamente teria que ‘abrir mão’ (esse é o termo empregado por ela várias vezes em seu discurso) de uma série de coisas. Não à toa a angústia vem a ser por ela experimentada quando assume novamente algum impedimento, algo de imediato ocupa novamente esse lugar vazio.

Eis a concepção que se adentra com essa discussão, a relação de objeto que há no campo do amor. P.S. se dá conta disso de alguma forma, mas recua, e se faz, sobretudo, respondendo ao desejo de um outro, de objeto desse desejo.

“[...] o desejo se revela como desejo do Outro – aqui, desejo no Outro -, mas também que meu desejo, diria eu, entra na toca em que é esperado desde a eternidade, sob a forma do objeto que sou, na medida em que ele me exila de minha própria subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada.” (Lacan, 1962/2005, p. 59).

Quando o sujeito vem ao mundo, vem impreterivelmente imerso no campo da fala, fundamentalmente determinado pelo significante que o precede e que é fornecido por um Outro. Quando a mãe supre a necessidade primeira da criança da alimentação, para que, então, a manutenção da vida seja possível, sua presença acaba por ser indissociável daquilo que representa uma primeira satisfação. Dessa forma, a criança passa a pedir pela presença desse Outro que, anteriormente, foi o responsável por satisfazê-la. Porém, mesmo com essa presença, essa tal satisfação não é mais alcançada, mesmo assim, a ânsia por esse Outro permanece.

Esse resto, oriundo dessa relação, vem a se configurar como o *a*, objeto *a*, que está para sempre perdido e que implica para o sujeito a impossibilidade de novamente experimentar a suposta satisfação em seu caráter pleno. Entretanto, o movimento, que se traduz pela determinação da pulsão, continua e o sujeito se lança na tentativa infundável de encontrar esse tal objeto, ou identificar-se como tal para um Outro. Porém, este objeto está para sempre perdido. É aí que se configura aquilo que se denomina ‘demanda’. Nesse sentido, a demanda é exatamente essa identificação do objeto *a* encarnado em algum outro objeto, ou melhor, em um Outro. O sujeito é, então, “capaz de transportar para o Outro a função do *a*” (Lacan, 1962/2005, p. 62).

Nessa dimensão, há na demanda algo de uma mentira que lhe é estrutural, isto é, o que o sujeito pede não coincide com o que ele deseja, pelo simples fato de a satisfação ser sempre parcial. “A existência da angústia está ligada a que toda demanda, mesmo a mais arcaica, tem sempre algo de enganoso em relação àquilo que preserva o lugar do desejo. Também é isso que explica a faceta angustiante daquilo que se dá a essa falsa demanda uma resposta saturadora.” (Lacan, 1962/2005, p. 76).

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (Lacan, 1960a/1998, p. 828).

Essa perspectiva da demanda é o que a leva a ser sempre demanda de amor e faz da relação amorosa com o parceiro algo impossível. Apesar disso, o sujeito continua em sua empreitada. Se a concepção do desejo encerra o desejo do sujeito como desejo de um Outro, é na medida em que se ocupa esse lugar, o de um Outro para alguém, que o aspecto amoroso advém em sua objetividade com um semelhante.

Quando se afirma que o desejo do sujeito é o desejo do Outro, ressalta-se que é pelo fato de o sujeito se deparar com o desejo do Outro que há a inscrição da falta no sujeito. O objeto do desejo está sempre mediado pelo desejo do Outro e relacionado à demanda que, desde o momento da necessidade, o Outro demanda preencher. A dimensão do amor consiste, portanto, em se dar a uma outra pessoa aquilo que não se tem e que essa outra não quer.

Entretanto, o movimento continua e o sujeito se oferece como falta, como o que falta ao Outro, ou melhor, como o que ao Outro pode faltar. “Mas o que ele assim preenche não é a falha que ele encontra no Outro, e sim, antes, a perda constitutiva de uma de suas partes, e pela qual ele se acha constituído em duas partes” (Lacan, 1960b/1998, p. 858).

Assim, P.S. anuncia, incessantemente, através do seu discurso, o fato de que, através da cerimônia de seu casamento, ela, mulher, se faria então de objeto, objeto do desejo do Outro, objeto a ser devorado por esse Outro, seu noivo, para que então este supostamente se satisfaça. Não ao acaso, ela se refere ao casamento como uma “salvação” para ela, demandando a um outro que a tome enquanto objeto e a retire daquele lugar responsável por tamanha insatisfação

A dimensão assumida pelo gozo é exatamente esta expressa no sentido de um encontro com o objeto, no caso feminino, de se fazer de objeto. A perspectiva do gozo opera a partir da relação do Outro (A) com o sujeito (S). Porém, dessa divisão (A/S) resulta um Outro barrado (\bar{A}). Essa operação não é exata e deixa então um resto (a), lugar da angústia. Indo além, ou seja, operando com esse resto e continuando a divisão (a/S), o que se tem é $\$$, dimensão do desejo.

É operando com esse resto, com o a , que a constituição do sujeito desejante se faz possível e aí P.S. se equivoca, pois “é ao querer fazer esse gozo entrar no lugar do Outro, como lugar do significante, que o sujeito se precipita, antecipa-se como desejante” (Lacan, 1962/2005, p. 193). Essa precipitação a que Lacan se refere não é no sentido de que possa haver algum salto nesse processo, e sim “no sentido de que ele aborda, aquém de sua realização, a hiância do desejo no gozo. É aí que se situa a angústia”.

A angústia se situaria em um local intermediário entre o gozo e o desejo e, na medida em que se supera a angústia, se pode ter acesso ao desejo. Esse é o movimento necessário para que o sujeito se constitua então como desejante. O equívoco da paciente se localiza aí, no início de seu percurso em análise, nesse momento em que a angústia deveria ter sido superada. Porém, ela se fazendo de objeto, retoma o ponto inicial denotado na articulação de seu sintoma e retrocede à dimensão do gozo, por simplesmente se confundir e tomar a imagem do a como algo possível de apreender, encerrando seu casamento, sua vida com seu parceiro nesse lugar da falta.

Pois bem, de alguma forma a perspectiva amorosa “permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, *ibid.*, p. 197). Nessa operação de divisão, que o a se mostra como um resto, ele nada mais é que um instrumento que permite ao sujeito o acesso, não ao gozo, mas ao Outro, no momento em que esse mesmo sujeito quer fazer sua entrada no Outro. “Desejar o Outro, o A maiúsculo, nunca é senão desejar a ” (Lacan, *ibid.*, p. 198). Nessa trajetória, colocar-se como desejante é se propor como falta de a e é por aí que se torna possível a abertura para o “gozo de meu ser”.

Numa concepção androcêntrica, se lançar na tentativa de encontrar a mulher, sob uma exigência de a , “só pode desencadear a angústia do Outro, justamente por eu não fazer dele mais do que a , por meu desejo o ‘aizar’, se assim posso dizê-lo. É por isso mesmo que o amor-sublimação permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962/2005, p. 199). Seguindo nesse caminho, o que o Outro quer, em última instância, é necessariamente minha angústia.

A mulher suscita a angústia do homem na medida em que visa o gozo deste, isto porque só há desejo passível de realização quando a castração está implicada. Em se tratando de gozo, desse ser do homem que ela almeja atingir, a mulher só encontra êxito ao castrá-lo. Parece haver uma certa superioridade da mulher no campo do gozo, o que aponta Lacan quando diz que o nó do desejo na mulher se encontra mais frouxo.

A falta, o sinal *menos* com que é marcada a função fálica no homem, e que faz com que sua ligação com o objeto tenha que passar pela negatificação do falo e pelo complexo de castração, o status do (-φ) no centro do desejo do homem, é isso que não constitui, para mulher, um nó necessário. Mas isso não quer dizer que ela deixe de ter relação com o desejo do Outro. Ao contrário, é justamente o desejo do Outro como tal que ela enfrenta, ainda mais que, nesse confronto, o objeto fálico só chega a ela em um segundo lugar, e na medida em que desempenha um papel no desejo do Outro. Isso é uma grande simplificação (Lacan, 1962/2005, p. 202).

A manifestação de uma determinada felicidade, se é possível concebê-la de alguma forma, principalmente, articulá-la à demanda inicial de tratamento, estava presente na fala de P.S. Sua ânsia pela consumação de uma vida a dois, por essa completude, estava posta em algum lugar que a deixava animada com a situação. Entretanto, a angústia aparecia em seu discurso de maneira marcante, impreterivelmente de uma maneira que a fazia lembrar a mesma dimensão de impedimento à qual, há pouco tempo, ela havia se submetido. A vida conjugal implicaria, enquanto condição para sua existência, um “abrir mão” de vários pontos que outrora foram conquistados, fazendo de si mesma objeto que entra no campo do gozo desse parceiro.

O desejo do Outro, isto é, a motivação de seu noivo para que o casamento se desse, manteria enquanto condição que P.S. deixasse de lado várias coisas que só eram aceitas pelo parceiro pelo fato de ela estar solteira. Com isso, o incômodo de seu noivo e algumas sucessivas ameaças de que, se fosse de outra forma ele não se casaria, possibilita à P.S. experimentar essa angústia. Duas ações incomodavam bastante o noivo: uma era o trabalho executado por P.S., como caixa de estabelecimento comercial, e a outra, sua análise. A fala de seu noivo apontava para aquilo que era por ele vivido como um ciúme de sua noiva. A paciente chegou a relativizar a então consumação do casamento, introduzindo algum aspecto

da repetição que iria adentrar a partir daí. Entretanto, não foi suficiente e a paciente pede demissão às vésperas do casamento.

Antes disso, algo do real traz a marca de sua situação conflitante, um episódio viria a se configurar como aquilo que mais lhe acarretaria angústia. Em determinada ocasião, seu noivo e seu patrão brigam, fisicamente, o que faz com que a paciente experimente uma angústia extrema com essa situação. O patrão havia chamado a atenção de P.S. por um erro cometido nos procedimentos do trabalho, a paciente se incomoda e diz para seu noivo que, já motivado pela questão do ciúmes, vai até o local de trabalho de P.S. e, em certa medida, provoca o embate.

O discurso da paciente, que denotou um extremo sofrimento com o fato, traz, sobretudo, uma marca de certa culpabilidade pelo ocorrido, “eu fui a responsável por isto, a culpa foi minha”. P.S. estava diante de um conflito que era o seu, de um lado a vida amorosa, de outro, uma conquista que lhe foi fundamental para sua vida (algo sempre relatado por ela), o trabalho, que se constituía como parte para composição de sua posição de desejante. Eis o que estava em jogo: seu desejo em confronto com o fazer parte do desejo do Outro, mesmo que esse outro não saiba que é de seu gozo que se trata, na medida em que ele responde àquilo que constitui a demanda de sua parceira. Vence o desejo desse Outro, de seu parceiro, de tomá-la como objeto e a promessa de se fazer objeto responsável por trazer essa satisfação alheia, mesmo que, sem saber, essa empreitada seja a do seu parceiro, aquele que supostamente viria então a deter esse falo que P.S. encarnaria, sob o fato de que seria, ele mesmo, o objeto para que P.S. atinja seu objetivo masoquista.

No campo do desejo, a mulher é muito mais solta, é marcada pela ausência do objeto. Isso é o que leva Lacan (1962/2005, p. 209) a situá-la muito mais próximo do real, pois a ela, “não lhe falta nada”. Em certa medida, para a mulher, o objeto está ali presente, porque, contrariamente ao homem, “essa presença não está ligada à falta do objeto causa do desejo, ao (-φ) a que está ligada no homem” (Lacan, 1962/2005, p. 209).

Essa então maior desenvoltura da mulher a faz se satisfazer com um número maior de coisas, mesmo que se saiba que não se satisfaz com nada, ao passo que para o homem, o objeto de desejo assume o caráter de único, único capaz de satisfazer. Não ao acaso, pode-se pensar a mulher, em sua posição feminina, muito mais próxima do registro simbólico, e o homem, ao lado do registro imaginário. Se um certo fantasma assombra o homem pelo acometimento de uma angústia, que é a da castração, na mulher, essa angústia é experimentada a partir da possibilidade de ser abandonada.

No homem, o objeto é a condição do desejo. O gozo depende dessa questão. Ora, o desejo por sua vez só faz encobrir a angústia.

Para a mulher, o desejo do Outro é o meio para que seu gozo tenha um objeto, digamos, conveniente. Sua angústia se dá apenas diante do desejo do Outro, que, afinal de contas não se sabe muito bem o que encobre. Para ir mais longe em minhas formulações, direi que, no reino do homem, há sempre a presença de alguma impostura. No da mulher, se existe algo correspondente a isso, trata-se da farsa. (Lacan, 1962/2005, p. 210).

Lacan prossegue: “O que há para deixar, ver na mulher, é o que existe, é claro. Se não existe muita coisa, isso é angustiante, mas continua sendo algo que existe, ao passo que, para o homem, deixar que se veja seu desejo é, essencialmente, deixar ver o que não existe” (Lacan, 1962/2005, p. 211). A impossibilidade da relação amorosa enquanto tal está aí delineada e muitas das tentativas que visam uma ação contrariam esta aceção; que não implique essa impossibilidade, só faz ressaltar ao sujeito esse caráter do que lhe é inerente e com o qual é marcado – o nada. A incompletude aponta para essa concepção radical da falta, para esse nada que figura no cerne da existência humana.

Entretanto, os amantes continuam tentando e não há como negar que, em se tratando de amor, há ainda alguma satisfação. Homem e mulher querem ser amados, a ânsia por completude opera, mesmo que, para a mulher, seja da vontade de ser amada pelo que não se é que se trate, enquanto o homem queira ser amado pelo que acredita ser. “Quanto à mulher, é inicialmente o que ela *não tem* que constitui, a princípio, o objeto de seu desejo, ao passo que, no homem, trata-se daquilo que ele *não é* e no qual falha” (Lacan, 1962/2005, p. 221).

Pois bem, P.S. interrompe o tratamento às vésperas de seu casamento, mais precisamente, uma semana antes, pelos motivos já ressaltados acima. Ao olhar da paciente, algo entrava novamente no lugar de uma incompatibilidade acerca da ordem das coisas. Não obstante, ao tentar dar conta de tal impossibilidade, P.S. pára com o tratamento alguns dias após ter pedido demissão no trabalho.

Algumas considerações finais

Naturalmente, já que aqui levantou-se considerações acerca das impossibilidades inerentes a vida, não seria ao acaso que também em uma análise elas apareçam. O que fazer diante do sintoma do sujeito que ali está quando se observa o tropeço que este pode incorrer quando se pretende em tal direção? Nesse caso, não muita coisa, pois, mesmo alertada por sua repetição e pelo sintoma, a paciente estava certa disso, dominada por uma paixão, e, portanto, com alguma certeza minimamente patológica acerca do seu matrimônio.

Nesse sentido, não cabe ao analista qualquer empreitada que se guie sob a pretensão de resolver uma impossibilidade que é, a partir de uma relação imaginária com um outro, introduzida pelo próprio sujeito, e faz parte desse seu sintoma. O que cabe ao analista então?

O que o analista tem a dar a, contrariamente ao parceiro do amor, é o que a mais linda noiva do mundo não pode ultrapassar, ou seja, o que ele tem. E o que ele tem nada mais é do que seu desejo, como analisado, com a diferença de que é um desejo prevenido. O que pode ser um tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? Desde já, podemos no entanto dizer o que ele não pode ser. Ele não pode desejar o impossível. (Lacan,[1960c/1997, p. 360).

Não há também como não questionar em que medida esse gozo visualizado pela paciente, através da aposta de uma vida a dois, pode, de fato, fornecer algum sentido que a faça viver ao longo de anos de uma forma razoável. Em certa medida, foi ele mesmo, o campo do amor, o responsável por retirar minimamente P.S. de sua posição infantil onde o sintoma físico operava. Obviamente, em determinada porção o gozo é fundamental, fornece prazer, satisfação e, no amor, encontra um outro campo, já que este “permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962/2005, p. 197).

Entretanto, não se sabe lá qual será o destino de P.S.. É provável que incorra em um equívoco que a leve a experimentar novamente o sofrimento que vivera no passado, sofrimento este assumido a partir dos impedimentos que lhe eram supostamente impostos? Talvez. Mas, afinal, a angústia serve para alguma coisa “e quando sucede à mulher sentir-se realmente como objeto que está no centro de um desejo, pois bem, acreditem, é aí que ela

foge de verdade” (Lacan, 1962/2005, p. 213), e “mesmo para aquele que avança ao extremo de seu desejo, nem tudo são flores” (Lacan, 1960c/1997, p. 387).

Referências

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1905). *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. v.12.

_____. (1911). *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. v.12.

_____. (1915). *As Pulsões e Suas Vicissitudes*. v. 14.

_____. (1920). *Mais Além do Princípio do Prazer*. v. 18.

_____. (1927) *O Futuro de uma Ilusão*. v. 21.

_____. (1930[1929]) *O Mal-Estar na Civilização*. v. 21.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LACAN, J. *Escritos*. Rio Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

_____. (1949) *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*.

_____. (1953) *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*. 1998.

_____. (1958) *A Significação do Falo*.

_____. (1960a) *Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*. 1998.

_____. (1960b) *Posição do inconsciente*. 1998.

_____. (1964) *Do “Trieb” de Freud e do Desejo do Psicanalista*. 1998.

_____. (1966) *Ciência e Verdade*.

_____. (1956-1957). *O Seminário, livro 04: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1957-1958). *O Seminário, livro 05: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1960c). *O Seminário, livro 07: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. (1962). *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. (1964). *O Seminário, livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1974) *O Triunfo da Religião precedido de Discurso aos Católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Zbrum, M. A. (1999). *Lacan e o Campo do Gozo*. Rio de Janeiro: Revinter, [20--?].

THE COURSE OF P.S. IN ANALYSIS FROM A PHYSICAL SYMPTOM AND THE LOVING ASPECT

ABSTRACT:

The following article intend, across of the exhibition about the clinical case happened on my responsibility while P.S.'s analysta, approach the relation of the desire with the Law, as well as, to emphasize the problematic of the feature loving and of the object relation existing in this dimension, having how point of departure a symptomatic demonstration. In this way, the present study supply across of a cutting there of it is constituted the patitent's course in your treatment a articulation, in a way inseparable when it is before the psychoanalysis, between theory and practice.

KEY WORDS: Love. Anguish. Desire. Impediment. Object. Sympton.

LA TRAJECTOIRE DE P.S. EN ANALYSE À PARTIR D'UN SYMPTÔME PHYSIQUE ET DU ASPECT AMOUREUX

RÉSUMÉ:

La proposition de cet article est s'approcher la relation du désir avec la loi à travers de l'exposition d'un cas clinique qui s'est passé sous ma responsabilité comme l'analyste de P.S.. En plus de cela, relever la problematic de l'ensemble amoureux et de la reation d'objet qui existe dans ce domaine, depuis une manifestation sintomatique. De cette façon, le présent travail rend possible, à travers d'un cour de celui qui s'est constitué la trajectoire de la patient pendant son traitement, une articulation, d'une certaine manière indissociable quand il s'agit de la psychanalyse, entre la théorie et la pratique.

MOTS- CLÉS: L'amour. L'angoisse. Le désir. L'empêchement. L' objet. Le symptôme.

Recebido em 25/05/2010

Aprovado em 20/10/2010

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php
revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista